

O novo jornalismo e a mulher de sempre na Primeira República (1889-1930): uma análise de gênero nos suplementos literário e infantil dos jornais *Diário da Manhã* e *Diário da Tarde*¹

Aline Maria Grego Lins²

Universidade Católica de Pernambuco, Recife, PE

Tércio de Lima Amaral³

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, PE

RESUMO

No mesmo momento em que as publicações adotam novos padrões técnicos e editoriais, surgem os primeiros suplementos literários e infantis na imprensa recifense de longa duração. Estes cadernos e páginas especiais, com viés literário, tinham como alvo a formação de uma elite letrada dentro da Primeira República (1889-1930). O objetivo deste artigo é analisar como os jornalistas pensavam essa formação, a partir da categoria gênero, em especial ao sexo feminino, desde a fase infantil até a formação da mulher adulta, ainda na década de 1920. Utilizamos como fonte dois suplementos, um literário, do jornal *Diário da Manhã*, publicado entre 1927 e 1928, e um infantil, do *Diário da Tarde*, de 1929. As duas publicações pertenciam ao mesmo grupo, à firma Cavalcanti & Cia, ligadas ao ex-governador de Pernambuco Carlos Lima Cavalcanti.

PALAVRAS-CHAVE: história da imprensa; jornalismo cultural recifense; suplementos literários; suplementos infantis.

Introdução

Um período marcado por transformações no campo científico, cultural, social e político. A década de 1920 foi, para a imprensa, um dos períodos mais importantes para a construção do jornalismo contemporâneo. Dentro do período denominado como Primeira República (1889-1930), os jornais impressos trilharam o caminho da profissionalização, da adoção de novas técnicas no campo de vista redacional, além de gestar os primeiros passos do chamado jornalismo cultural. Foi neste período que surgiu, ainda, os suplementos literários e infantis, alvo desta pesquisa. Estes cadernos e páginas especiais, com viés literário, dominaram as páginas das principais publicações da imprensa recifense da época, de modo especial nas edições dos finais de semana, quando eram recorrentemente

¹ Trabalho apresentado no GP em História do Jornalismo, XIV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP, Mestre em Educação pela Fundação Getúlio Vargas. É professora do curso de Jornalismo da Unicap, onde também integra o Grupo de Pesquisa Cultura e Mídias Contemporâneas. E-mail: aligreg@uol.com.br

³ Graduado em História pela Universidade de Pernambuco (UPE) e em Jornalismo pela Universidade Católica de Pernambuco (Unicap). Foi pesquisador dos Grupos de Estudo em História Sócio-Cultural da América Latina (GEHSCAL/UPE) e Cultura e Mídias Contemporânea (Unicap). Atualmente, é estudante do programa de Mestrado em História da Cultura Regional da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) e pesquisador do Núcleo de Pesquisas e Estudos em Gênero (NUPEGE), também da UFRPE. E-mail: tercio.amaral@uol.com.br

publicados. Os suplementos revelaram importantes nomes das letras no Brasil, a exemplo de Rubem Braga, Gilberto Freyre e Osman Lins, entre outros. Também despertaram um aspecto de interesse historiográfico: como estes escritores e jornalistas, assim como seu público leitor, pensavam o gênero feminino⁴.

Na imprensa recifense, os suplementos literários começaram a circular ainda no século 19. Na verdade, diferentemente do início do século 20, estas páginas especiais não tinham a configuração que marcou a gestação dos cadernos culturais da imprensa contemporânea. Um dos exemplos desta fase inicial é o suplemento *O Espelho das Brasileiras*, lançado em 1º de fevereiro de 1831, saiu às terças-feiras e sextas-feiras, durante trinta edições, no jornal *Diario de Pernambuco* (BUITONI: 2009; p. 32). A publicação, de caráter literário e educativo, era direcionada ao público feminino e, como se vê, não teve uma longa duração. O próprio nome “Espelho” reflete uma tendência do jornalismo brasileiro do século 19, inspirado na imprensa europeia, ainda não influenciado pela imprensa norte-americana, até hoje tida como padrão. O espelho é um reflexo de outras publicações da imprensa francesa, que adotaram o mesmo nome, a exemplo do *Le Miroir des Dames* (1830).

Mas foi só no século 20 que os suplementos literários ganham uma roupagem “moderna”, o que inclui a publicação destas páginas especiais de modo perene e que vão influenciar, na segunda metade do século, a formação dos cadernos culturais. Em Pernambuco, por exemplo, seis jornais impressos tiveram um suplemento literário com mais de um ano de duração entre os anos de 1900 a 1950. O pioneiro neste tipo de produção foi o jornal *Diario de Pernambuco* – considerado a publicação mais antiga em língua portuguesa ainda em atividade – com o suplemento *Album de Domingo*, que começa a circular em fins do século 19 com curiosidades científicas, mas que ganha outro perfil no despertar de 1900. O *Album* era publicado na primeira página do *Diário*, na parte inferior, como um pequeno box.

Os suplementos infantis seguiram a mesma tendência e também começaram a ser publicados no século 19. Em 1850, circulou em Pernambuco o periódico de ensino e divertimento *A Saudade* (SOARES: 1999; p. 9). O curioso é que no estado de São Paulo o registro para este tipo de publicação aparece num período posterior, somente em 1860, com o início do suplemento *Kaleidoscópio*. Ele era publicado mensalmente pelo Instituto Acadêmico Paulistano, tinha objetivos pedagógicos e mesmo assim interessava aos jovens

⁴ Entendemos o conceito de gênero como uma realidade histórica e cultural construída artificialmente a partir das diferenças entre os sexos masculino e feminino. O gênero, no singular, “é uma forma primeira de significar as relações de poder” (SCOTT: 1995, p. 86).

alunos. Assim como o suplemento pernambucano, o paulistano teve vida curta, comparado às publicações do mesmo gênero na década de 1920. O *Kaleidoscópio* teve 22 edições, um “grande feito” para época. Um dos primeiros registros deste gênero no país, no entanto, surgiu na cidade de Salvador, na província da Bahia: *O Adolescente*, que circulou em 1831, era bissemanal e que tem como registro apenas 46 edições.

Os suplementos literários e infantis que serão analisados neste artigo, entretanto, foram editados, encadernados e publicados na imprensa recifense da década de 1920. Algumas destas publicações tiveram “vida própria” até o final da década de 1950, ou seja, eram publicados independentes de empresas jornalísticas, apesar de alguns terem sido incorporados aos grandes jornais em períodos subsequentes. Este foi o caso do suplemento recifense *Jornal das Crianças*, criado em 1932 e editado pelo jornalista Carlos Leite Maia (FREITAS: 2009)⁵. O suplemento era repleto de matérias sobre o universo infantil. Há questionários de como deve ser o comportamento dos pequenos e uma coluna denominada “Lições da Vovó”.

Com espaço privilegiado, a fotografia também funcionava como reforço de uma “literatura normativa”, principalmente para o gênero feminino. O suplemento infantil era publicado num formato um pouco menor que o *tabloide*. Em algumas edições é possível perceber o “modelo” de criança do sexo feminino, com cabelos bem penteados e olhar compenetrado. O *Jornal das Crianças* foi incorporado ao *Jornal do Recife* como seção especial desse impresso, em março de 1932, assim permanecendo até o ano de 1935.

Para este artigo, em especial, utilizamos dois suplementos para analisar a representação⁶ da mulher na década de 1920 na imprensa recifense. Um literário e um infantil. O primeiro é a página especial de literatura do jornal *Diário da Manhã*. Fundado em 16 de abril de 1927, o jornal era de propriedade da firma Lima Cavalcanti & Cia, ligada ao ex-governador de Pernambuco Carlos Lima Cavalcanti, que comandou o governo pernambucano entre os anos de 1930 a 1935 (NASCIMENTO: 1967; p. 175). O curioso é que já a primeira edição trazia a página de literatura, publicada, num sábado. Na publicação, colaboraram nomes como o historiador Oliveira Lima e o sociólogo Gilberto Freyre. O jornal funcionava na rua do Imperador D. Pedro II, endereço de outros jornais da

⁵ IN Freitas, Thayse Cavalcante. Os suplementos infantis na imprensa recifense. Relatório de pesquisa, 2008. Universidade Católica de Pernambuco (Unicap).

⁶ Utilizamos os conceitos de representação e representação social de Roger Chartier e Patrick Charaudeau. Chartier (CHARTIER: 2002) refere-se a representação como dominação simbólica através da qual os atores agem, classificam e julgam a realidade, criando assim identidade podendo ser negada ou afirmada. Por seu turno, Charaudeau (CHARAUDEU: 2006) avalia a apresentação como uma organização do real através de imagens mentais transpostas em discurso ou em outras manifestações. Estas se baseiam na observação empírica das trocas sociais e fabricam um discurso de justificativa destas trocas, produzindo um sistema de valores como uma *referência*.

capital na época, no Centro do Recife, era impresso em máquina Duplex nº 4 e encerrou seu primeiro ciclo na década de 1950.

Depois, o jornal passou a publicar o suplemento literário no segundo caderno do jornal, aos domingos. O caderno especial era denominado “Segunda Secção”, que, além da página de literatura, dedicava uma página ao cinema, à moda e, por vezes, ao automobilismo. O jornal saía, geralmente, com 16 páginas, sendo seis dedicadas ao suplemento, em formato *standard*. O suplemento literário contava com a colaboração de nomes como os escritores Armando Gayoso, Olegário Mariano, da Costa Aguiar e de Lima Barreto. O pintor Lula Cardoso Ayres, referência nacional em artes plásticas, também colaborava, muitas vezes realizando desenho sobre mulheres e cuja reprodução, nem sempre, tinha ligação com o conteúdo jornalístico publicado na página. As imagens produzidas por Lula Cardoso eram apresentadas como inéditas e exclusivas para o público leitor do suplemento, demonstrando, assim, a importância da publicação no período.

Não diferente, o jornalismo infantil também marcou época na imprensa recifense. E da sua maneira, também introduziu tendências. No século 20, cerca de 22 suplementos ou seções infantis fizeram parte dos jornais recifenses, destes 14 tiveram duração igual ou superior a um ano (FREITAS: 2009, p. 6). O suplemento infantil do jornal *Diario da Tarde*, também de propriedade da firma Lima Cavalcanti & Silva é também objeto da presente análise. O jornal foi criado para secundar a atuação política do irmão, o *Diario da Manhã*, sendo um dos pioneiros da imprensa recifense na imprensa infantil (NASCIMENTO: 1967, p. 316). Em julho de 1929, no final da década de 1920, começou a publicar a seção Leituras Infantis, que continuou em períodos subsequentes. Foi transformado depois em *Diario das Crenças* e posteriormente em *Página Infantil*. O *Diário* encerrou suas atividades em 29 de abril de 1950.

O suplemento do *Diario da Tarde* dedicou especial atenção às mulheres em formação. Ou seja, a formação do público infantil feminino. Além de pautas de caráter religioso e infantil, também configurava na publicação concursos de beleza, estimulando a estética do público infanto-juvenil. O jornal tinha como colaboradores Eudes Barros, Gaspar Uchôa, Tristão de Lima, Leonardo Mota, Josué de Castro, Agripino Silva, entre outros. As matérias publicadas no suplemento infantil, entretanto, não são assinadas, o que não nos permite atribuir à autoria dos jornalistas da época.

Estas páginas de literatura compunham um espaço privilegiado no estudo das representações sociais, principalmente na década de 1920, que os números comprovam. A população do Recife teve um crescimento expressivo: dos 113 mil habitantes, em 1900,

passou a concentrar 239 mil, em 1920 (RESENDE: 2005, p. 94). Acompanhando este movimento, os jornais também ampliaram seus espaços em páginas literárias e infantis para o debate de temas como o papel da mulher naquele momento histórico, desse modo, influenciando a formação da opinião do seu público-leitor. Enquanto em 1890 somente 19,1% de todos os brasileiros e 10,4% de todas as brasileiras eram alfabetizados (o que representava somente 2.120.559 pessoas), em 1920, a alfabetização dos homens havia aumentado para 28,9% e das mulheres para 19,9% (BESSE: 1999, p. 26).

É bom sinalizar que a análise da presença feminina nos jornais já vem sendo realizada no campo da Comunicação e da História, porém, com outro tipo de documentação e períodos distintos. No Brasil, os primeiros estudos voltados à representação feminina em produtos jornalísticos (MELO: 2006, p. 145) partiram, no campo da comunicação, de Ducília Schroeder Buitoni, com a tese da representação da mulher em revistas e suplementos femininos ao longo do século 20, defendida na Universidade de São Paulo (USP, 1980). Já no campo historiográfico, os primeiros passos nestes estudos podem ser percebidos na obra Margareth Rago (Unicamp). A historiadora, no final da década de 1980, propôs analisar os códigos morais da sociedade paulista através da representação da mulher transgressora, ou prostituta, através dos jornais da década de 1930.

Em Pernambuco, algumas pesquisas de cunho historiográfico em curso também caminham neste sentido. No final da década de 1990, o departamento de Letras da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), liderado pela professora Luzilá Gonçalves Ferreira, iniciou o resgate da publicação de artigos da denominada “imprensa feminina”. Em *Um discurso feminino possível*, que relata a história das pioneiras da imprensa de Pernambuco entre os anos de 1830 a 1910 (SIQUEIRA: 1995). A escritora analisa um traço marcante desse período: a presença de escritoras não era registrada em jornais de grande circulação, ou a chamada “grande imprensa” (SODRÉ: 1999, p. 288). As mulheres recorriam a publicações específicas, muitas delas com vida curta, para demonstrarem sua visão de mundo.

Mais recentemente, estudos do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), utilizando a imprensa e as publicações jornalísticas como fonte histórica, revelou, a exemplo do trabalho da historiadora Alcileide Cabral do Nascimento, a análise do discurso de duas feministas pernambucanas, Edwirges de Sá e Martha de Hollanda, na década de 1930 do século 20, problematizando as diferenças do direito feminino na política da época (NASCIMENTO: 2012). O estudo de Nascimento, porém, amplia seu leque de fontes em revistas direcionadas

e publicadas, especificamente, ao movimento e ao público feminino. Além disso, há uma preocupação da pesquisadora com matérias factuais (nos cadernos de política) de jornais de grande e pequeno porte da imprensa local. Todas essas pesquisas concluídas ou em curso, porém, não trabalham com os suplementos literários e infantis como fontes, a abordagem, portanto, dessa forma, permanece inédita.

Um novo jornalismo, a mulher de sempre

Uma imprensa literária, um jornal erudito, com longos artigos (BARBOSA: 2007, p. 87). Estas eram as características da imprensa brasileira na década de 1920. No mesmo momento que surgem os primeiros grupos de comunicação, como os *Diários Associados*, de Assis Chateaubriand, os jornais impressos começam a usar velhas estratégias para consolidar novos mitos: o da imparcialidade, da “informação pura”, mas construídos com jornalistas letrados e capazes de influenciar a opinião pública com suas matérias. Esta relação estreita do jornalismo com a literatura no Brasil só termina na década de 1950. As páginas destes jornais eram importantes para escritores, professores e outros intelectuais, para marcar posição e até conquistar uma segunda profissão. Foi nesta época, por exemplo, que o escritor pernambucano Nelson Rodrigues trabalhou voluntariamente no jornal *O Globo*.

A imprensa recifense não estava fora deste contexto. Novos jornais começam justamente na década de 1920, atrelados a novos grupos políticos, como o caso dos *Diário da Manhã* e *Diário da Tarde*. Numa época marcada pelos debates como o voto feminino, a igualdade dos gêneros, o feminismo, entre outros temas, as páginas desses jornais pareciam “imutáveis”, não debatiam essas questões, ou simplesmente não abordavam com profundidade. Aliás, são nesses jornais que a representação da mulher dona de casa, solteira, e de crianças com roupas compostas, é registrada e, de um certo modo, até reforçada. A representação ganha forma através de novos instrumentos editoriais, como o uso da fotografia e da ilustração. Do ponto de vista jornalístico, as técnicas eram novidades. Mas do ponto de vista editorial, nada revolucionário.

Se no século anterior, as mulheres utilizaram nos jornais femininos do Recife uma “linguagem doce” para conquistar e despertar a sociedade sobre questões básicas, como o direito aos estudos ou de não ser agredida em casa, os jornais da década de 1920 também recorriam a este recurso literário, mas com certa “violência discursiva”. No *Diário da Manhã* não existe registro de mulheres que assinem matérias ou artigos no suplemento

literário, voltado ao público adulto, entre abril de 1927 a abril de 1928. Todos os textos, poesias, contos ou artigos, eram assinados por homens, muitos deles considerados referências em áreas como direito, ciências sociais e humanas no estado. E mesmo ausente, do ponto de vista da produção, as mulheres não deixavam de ser tema das páginas.

Numa edição de dezesseis páginas, dividida em dois cadernos cada um com oito páginas, uma poesia de Vargas Vila publicada no suplemento literário do *Diário da Manhã* demonstra como a mulher era pensada por estes jornalistas e escritores. Em *Uma página*, o literato divaga num ambiente de crepúsculo, de solidão e de silêncio. Tudo, no entanto, cercado pelo cheiro de perfumes e rosas, dois elementos comuns na época para descrever o gênero feminino. A defesa da poesia é clara. A mulher bonita e ideal é a que sofre e chora. O curioso é que o prazer, para o autor, diminui a “beleza feminina”. Para ser uma mulher de verdade, é preciso sofrer. A produção dessa poesia é inspirada na deusa Niobe, personagem da Mitologia Grega, que é conhecida pela perda de filhos. Descreve Vargas Vila,

A AVENTURA NÃO DÁ BELLEZA AO ROSTO;

NÃO TENS VISTO COMO OS SERES FELIZES TÊM UM SEMBLANTE
TERRIVELMENTE IDIOTA?

AO CONTRARIO, A DOR É UMA FORMA AUGUSTA DE BELLEZA.

NÃO TENS VISTO COMO UMA' DÔR ENORME SUBLIMISA UM ROSTO.

É SOB O VÉO DAS LÁGRIMAS QUE O ROSTO DE UMA MULHER TEM
MAIOR ENCANTO...

NÃO HÁ UMA VOLUPTUOSIDADE IGUAL A' DE APURAR ENTÃO O SAL
DE SUAS LAGRIMAS, SECANDO-AS COM OS NOSSOS LABIOS:

O ROSTO DA MULHER, NO INSTANTE DO PRAZER, É REPUGNANTE E'
SO A PAIXÃO, A MAIS BAIXA PAIXÃO QUE NOS IMPELLE A BEIJAL-O.

O ROSTO DA MULHER, NO INSTANTE DA DÔR É SEMPRE BELLO DE
UMA BELLEZA NOBRE E DE SUBLIME COMPAIXÃO, A ALTA
COMPAIXÃO COM QUE ENTÃO A BEIJAMOS...

QUEM NÃO VIU JA' UMA MULHER DESOLADA, CHORAR SOBRE O
CADÁVER DE SEU FILHO... NÃO VIU AINDA A FORMA MAIS AUGUSTA
DA DÔR E DA BELLEZA.

TODA A BELLEZA DA DÔR...

AQUELLA QUE O GENIO IMMORTALISOU SOBRE A PEDRA: NIOBE.
(VILA, 1927, *Diário da Manhã*, Literatura e Arte).

O sofrimento de “Niobe” assinalado pelo poeta não seria diferente de outros artigos e produções publicadas no suplemento do diário. A recepção deste tipo de produção no público-leitor do jornal, no entanto, ainda é um mistério. O *Diário da Manhã* neste período

não disponibilizava cartas para os leitores, nem espaço similar para comentários de leitores e assinantes. Outra brecha importante também pode ser notada neste sentido: a falta de registro sobre as tiragens destes jornais na imprensa recifense, sobretudo nos anos de 1920. No suplemento literário, optamos por analisar quem seria o leitor do jornal através dos anúncios publicados.

Anúncios publicados	
Indústrias e máquinas	15,30%
Representante comercial ou importadora	9,90%
Venda de carros/veículos	8,90%
Chá, cerveja ou café	8,60%
Seguradoras e bancos	7,60%
Acessórios para carros	6,70%
Farmácias	6,70%
Calçados masculinos	6,00%
Armazéns de construção	5,40%
Produtos de limpeza	4,40%
Alfaiates	3,80%
Serviço de datilografia	3,50%
Produtos radiofônicos	3,20%
Leilão de imóveis	2,50%
Hotéis	2,20%
Fumo	1,60%
Fotografias	0,90%
Joias	0,60%
Teatro e cinema	0,30%
Telefonia	0,30%
Foram analisados 312 anúncios publicados entre 16 de abril de 1927 a 26 de junho de 1927 na Segunda Secção	

Numa análise de três meses, entre abril a junho de 1927, notamos que, entre os maiores anunciantes da Segunda Secção – segundo caderno do jornal, geralmente com oito páginas, onde era publicado o suplemento literário ao lado de páginas de cinema e moda – estavam as novas indústrias (15,30%) de Pernambuco e suas invenções maravilhosas, como máquinas e acessórios que prometem uma vida moderna e mais prática. Este tipo de anúncio é seguido pelas revendedoras de carros (8,9%) e as lojas especializadas em acessórios para veículos automotores (6,7%). Estes dois últimos tipos de anúncios, analisados juntamente, dominam as páginas reservadas às propagandas em 15,6%, passando até as indústrias.

A análise desse material nos permite afirmar que o leitor da Segunda Secção e, por consequência, do suplemento literário, estava intimamente ligado ao mundo masculino e de negócios. Não que este fosse

o único público do jornal. Ele poderia (e deveria) ser lido em casa, com a família.

Durante a publicação do suplemento, outra página, a de *Modas*, também acompanhava o *Diário da Manhã* aos domingos. Neste mesmo período, a venda de chás, cervejas e cafés (8,6%) ganharam espaço nos anúncios. Em proporção menor, as farmácias (6,7%) que quase sempre chamavam a atenção para novos produtos de limpeza para crianças, garantia um espaço privilegiado.

Identificamos outro ponto importante para desvendar o leitor do suplemento do *Diário da Manhã*: o critério editorial. Analisamos, para o mesmo período, as opções adotadas pelo jornal na produção da página de literatura. Os artigos (34,4%) foi o tipo de recurso mais utilizado. É bom notar que, além dos temas literários, eles também versavam sobre temas históricos e de urbanismo, demonstrando a importância deste debate para a cidade na época. As ilustrações (22,7%) estão em segundo lugar, a maioria assinada pelo artista plástico pernambucano Lula Cardoso Ayres. Muitas dessas ilustrações, inclusive, como acontece com a fotografia (15,5%), reproduzem mulheres que, mesmo não estando presentes nos textos, incorporam a estratégia da ilustração: ou seja, aparecem para “decorar” a página.

Produção do suplemento	
Artigos	34,40%
Ilustrações	22,70%
Notas	13,60%
Contos	10,60%
Fotografias	15,50%
Poesias	3,00%
Análise da produção de 66 categorias entre 16.04. 1927 a 26.06.1927	

O suplemento literário do *Diário da Manhã* também dialogava com literatos de outros estados. Conhecido pelas crônicas na imprensa fluminense, Lima Barreto também contribuiu com a publicação pernambucana. A sua participação no suplemento revela outro aspecto da imprensa recifense no período: o “livre trânsito” de autores de outros estados, principalmente da região Sudeste, com os jornais locais. É bom sinalizar que esta troca não se dá apenas em uma via. Escritores locais, a exemplo de Gilberto Freyre, também colaboravam com jornais de fora de Pernambuco. O próprio *Diário* fazia questão de noticiar no suplemento as exposições e o sucesso de seu ilustrador, o pernambucano Lula Cardoso Ayres, em outras regiões.

No período analisado neste artigo, Lima Barreto contribuiu com um conto intitulado *Lívia*. Ele retrata o cotidiano de uma dona de casa, que levanta cedo, depois de uma longa noite de sono. Todo o conto é descrito numa melancolia digna de folhetim romântico. Numa história que se passa no Rio de Janeiro, Lívia mora com o cunhado e parece fadada à servi-lo até o último de seus dias na terra. A personagem sonha com um bom casamento. O único contato com o mundo exterior se dá através da janela do apartamento que habita. O autor chega a cravar que apenas uma união poderia “salvá-la”. Outro ponto da narrativa que

chama atenção à mulher é descrita como uma “corça domesticada”. O discurso, além de normativo, é praticamente agressivo. Descreve Lima Barreto,

Era pouco – convinha – mas servia, pois assim ficaria livre da tirania do cunhado, das impertinências do pae; teria sua casa, seus móveis e, certamente, o marido lhe dando algum dinheiro, ella – quem sabe – que os bons sonhos tinha arrancá-los no bicho, aumentaria a renda do casal e, quando assim fosse, compraria um corte de fazenda bôm, um chapêo. Daquele jeito, que, pelo Carnaval, iria melhor ainda à rua do Ouvidor, assistir passarem as sociedades.

O café já se havia acabado: e ella ficaria ainda distraída e sentada, quando soou de lá da sala de visitas, a voz vigorosa do cunhado:

- Livia, traz meu guarda-sol que ficou atraz da porta do quarto. Depresssa!... Ainda que faltem só oito minutos para o trem!

E como demorasse um pouco, o Marquês, redobrando de vigor no trimbre, gritou:

- Oh, c'os diabos! Você ainda não achou! Saia! Que gente molle!

Humildemente, Livia lá foi aos pulos, como uma corça domesticada, entregar o objecto pedido para lhe ser arrancado bruscamente das mãos.

Envolvida naquele sonho que lhe soubera tão bem, ella, atravez das trinchas da veneziana viu o cunhado atravessar a rua e se perder por entre o dedalo de casas. Certificada disso, abriu a janela. O subúrbio todo despertava longuidamente. (BARRETO, 1927, *Diario da Manhã*, Literatura e Arte).

O ideal de casamento estava presente em boa parte das produções literárias. Num conto possivelmente comprado de alguma agência internacional, neste mesmo período, o suplemento literário do *Diário da Manhã* reproduz como seria realizada uma união entre homem e mulher na época. Trabalhamos com esta hipótese em razão da assinatura do autor do conto, isto é, pelo fato de não ser um nome ligado a literatura brasileira ou pernambucana. Em *Mil e uma manhãs: uma entrevista*, assinado por Adrien Vely, é possível notar o constrangimento que passa uma mulher ao ser apresentada ao futuro marido. Eles não se conhecem pessoalmente, apenas por fotografias, e são apresentados, de uma hora para outra, como uma entrevista de emprego.

O encontro de Suzann, mulher e órfã criada pelo tio, com o arquiteto João La Brigue ilustra bem a situação. A mulher quase nunca tem profissão nem sobrenome, como Suzann. E apesar da posição de “sexo frágil”, não é ela que fica nervosa no primeiro encontro, que foi cancelado graças ao nervosismo de La Brigue. O tio de Suzann, um general, marca um novo encontro e deixa os dois a sós, numa sala à parte. Ele ficou doente. A justificativa não serviu para ela que, mesmo gripada, teve que recebê-lo. Da entrevista, segundo o autor, “dependiam os projetos de casamento formados por amigos em comum”.

Era necessário que a entrevista desse certo. E o humor entra em cena para dar um final feliz ao futuro casal, através da gripe transmitida pela mulher.

Relata o autor,

Quando o general, meia hora depois, voltou ao salão, Suzanna e João já estavam nos dois lugares em que elle os havia deixado. Mas Suzanna tinha os olhos baixos e estava muito corada.

- Então, meus filhos, então, o que há?

João abriu a bocca para responder-lhe do melhor modo que pudesse mas, de repente, espirrou de maneira estrondosa.

O general olhou-o, com um sorriso denunciador de que comprehendera a situação, largou olhar para Suzanna, que permanecia commovida, e voltando-se para João, disse-lhe:

- Olá, meu rapaz, para um moço tímido, como é, attrahiu muito depressa o contágio do defluxo. Si não voltar amanhã com uma aliança, tenho de lhe cortar as orelhas! (VELY, 1927, *Diario da Manhã*, Literatura e Arte).

Estes ideais também estarão presentes no suplemento infantil do *Diário Tarde*, a versão mais enxuta e popular do *Diário da Manhã*. A criança do sexo feminino é preparada, desde criança, para ter “bons hábitos” e desenvolver qualidades como caridade e benevolência. Uma temática expressiva para as meninas é a orfandade e a solidão. Não se sabe, no entanto, se o tema envolve, por exemplo, uma futura preparação para aquelas que não se casarão. O suplemento infantil, assim como o literário, também publica diversas fotos de leitoras mirins através de concursos literários e de beleza. Elas são as enfeitadas, as que sofrem. Do outro lado, os meninos, sempre espertos e com habilidades específicas. Desse modo, ao menos na imprensa da sociedade recifense dos anos 1920, certos comportamentos são internalizados desde os primeiros anos de vida.

“É de criança que se aprende”

Dentro da firma Cavalcanti & Cia, ligada ao ex-governador de Pernambuco Carlos Lima Cavalcanti, o jornal *Diário da Tarde* ficou responsável pela estratégia de cativar o leitor infantil. A publicação inicia o suplemento *Diario das Creanças* em 4 de julho de 1929. No editorial de apresentação, que ocupa um pequeno espaço no final da página, o jornal informa que é seu interesse “agradar os pequenos leitores”. O suplemento ocupa metade de uma página, dividindo o espaço ocasionalmente com anúncios ou outras reportagens factuais. Na sessão, fotos de crianças, concursos de literatura e beleza infantil. As ilustrações ficaram a cargo do pintor recifense Mario Tullio. Infelizmente, não há

registro, ao contrário dos suplementos literários, dos autores de artigos, histórias e contos infantis.

O *Diario da Tarde* é um dos primeiros jornais a consolidar a imprensa infantil na imprensa pernambucana. É bom sinalizar, no entanto, que este não era um espaço de imprensa escolar, muito comum ainda nos tempos atuais, mas que, de um modo geral, são produzidos pelas próprias escolas ou instituições de ensino, através de publicações independentes com fins educacionais (SOARES: 1999). O leitor do suplemento infantil do *Diário* era, possivelmente, filho do leitor do jornal impresso. Ou seja, crianças em formação inseridas na cultura letrada da Primeira República (1889-1930).

Numa análise de seis meses da publicação, entre os meses de julho a dezembro de 1929, podemos notar um direcionamento da pauta para crianças dos sexos masculinos e femininos. A linha editorial era muito clara. De um lado, os meninos sempre estavam ligados ao mundo do trabalho, às profissões, como engenharias, ou na tentativa de estimulá-los para profissões e curiosidades técnicas. As meninas, no entanto, eram destacadas em histórias e sessões que sempre tinha o casamento ou mesmo a solidão como pano de fundo.

Num conto infantil intitulado *A Engeitada*, o jornal demonstra contrastes entre a beleza e o amor infantil. A história narra a vida de uma menina com “qualidades”, como a “beleza”, mas era maltratada em casa. Em contraposição, sua responsável, que não era sua mãe, dava todas às atenções a outra menina no mesmo lar sem as mesmas características. Provavelmente, a “engeitada” do texto não teria parentes e nem poderia ter sido deixada aos cuidados de uma família com melhores condições financeiras. Em troca do teto, trabalho, que é descrito com requintes de crueldade. No conto, publicado em 7 de novembro de 1929, fica clara a “redenção” da menina. Ao encontrar uma piedosa mulher, esta lhe dá um feitiço para que cuspa pérolas. Mesmo com a magia, a família esconde a engeitada do noivo da outra criança da casa, sua adversária. Mas o noivo descobre a farsa (ou a fonte de dinheiro da família).

Destaca a publicação,

Ao outro dia, foi a casa com a justiça e encontraram a pobre da rapariga mettida na cuba. Esta contou como tudo se passára e noivo deixou a outra e casou com a engeitada. (A ENGEITADA, *Diario da Tarde*, *Diario das Creanças*, 1927).

A engeitada ganha um “final feliz”, mas não tem nome. Assim como as outras mulheres dos textos infantis. Aliás, a figura da mulher e da criança quase nunca é nomeada. Outro tema bastante frequente para as meninas ou mulheres em destaque no suplemento infantil era o hábito de ter filhos. Histórias melancólicas de mulheres, já na idade adulta,

que não possuíam crianças eram descritas com certa tristeza e solidão. A maternidade era regra e o assunto era para crianças em formação, mesmo com textos literários e lidos em jornais de grande circulação. O jornal precisava trazer para as crianças assuntos que elas teriam que lidar no mundo adulto.

Este era o caso de uma rainha que também não tem nome, nem reino. Num conto da seção *Histórias do Arco da Velha*, sempre presente no suplemento infantil do jornal, o texto chama atenção pela obsessão da rainha por ter um filho, inclusive, suplicando a uma santa a dádiva de ter uma criança, nem que esta fosse um animal. Depois de dois pedidos, a soberana recebe o desejo: o filho nasce em forma de carneiro. O curioso é que a criança só chega a dois anos de idade, mas tem um desejo ou uma missão na terra: o casamento.

Relata o texto,

“Havia uma rainha que vivia muito desgostosa por não ter filhos. Era muito devota duma Senhora da Encarnação que possuía seu oratório, costumava pedir-lhe muitas vezes que lhe dêsse um filho. E dizia:

'Senhora encarnação,
Dai me um filho,
Ainda que seja um leão.

Um dia, estava ella a uma janella e viu passar um pastor com um rebanho de carneirinhos brancos. Foi para o seu oratório pedir á Senhora:

'Dai-me um filhinho,
Senhora da Encarnação!
Ainda que seja um carneirinho.'

Passado algum tempo, deu a rainha á luz um carneirinho branco que, apenas chegou á idade de dois anos, disse á rainha: 'Minha mãe, eu quero casar com a filha do rei do conselho.' Respondeu-lhe a rainha: "O' meu filho! pois tu, um carneirinho, queres casar' 'Quero sim, minha mãe'" (O CARNEIRINHO BRANCO, *Diario da Tarde*, *Diario das Creanças*, 1929).

O *Diario da Manhã*, na época, circulava à tarde e investia mais em pautas policiais em suas páginas, geralmente com oito ou seis páginas em cada edição. Não adotamos o método da análise dos anúncios, como o fizemos com o suplemento do *Diario da Manhã*, para identificar o público leitor do jornal. Para ter-se uma ideia, o *Diario da Tarde* chegava a publicar anúncios fúnebres e notícias de assassinatos ao lado do suplemento infantil. Esta configuração de página e organização de matérias soaria bem incomum aos dias atuais, principalmente levando em conta o público infanto-juvenil. Mas este contexto não impediu,

por exemplo, o crescimento do suplemento, que da metade de uma página no mês de julho, conquistou uma página inteira a partir do mês de setembro do mesmo ano.

Em a *História da Imprensa de Pernambuco* (1821-1954), o jornalista Luiz do Nascimento, registra a passagem de um editorial do jornal em 17 de dezembro de 1929. Segundo ele, o *Diário da Tarde* bateu todos os recordes de vendas na capital pernambucana. O sucesso era devido a venda avulsa em bancas e livrarias da cidade. Possivelmente, em razão da publicação de matérias mais populares, que caíram no gosto do público, tornando-se, uma das principais referências do jornalismo recifense da Primeira República (1929-1930). A informação, porém, não vem acompanhada da tiragem do jornal. O suplemento infantil continuou na Era Vargas (1930-1945) e terminou suas atividades com o fim da publicação, já na década de 1950.

Considerações finais

A publicação dos suplementos infantis e literários nos jornais da imprensa recifense na Primeira República (1889-1930) é um reflexo das transformações do jornalismo brasileiro e da sociedade pernambucana. Nossa intenção foi mostrar, ainda, de forma provisória, uma vez que esta pesquisa está, ainda, em seus passos iniciais, que mesmo com as transformações técnicas, sobretudo do ponto de vista das organizações das redações e dos novos elementos técnicos na produção desses jornais, a mulher continuou como coadjuvante nas produções da imprensa. Sendo renegada até do ponto de vista da identificação nas matérias e artigo.

Como mostramos anteriormente, a mulher quase sempre não tinha nome. Era a dona de casa nos suplementos literários, dirigidos ao público adulto. Era a órfã, a menina prestes a contrair um matrimônio, nos suplementos infantis. Identificamos em dois jornais, do mesmo grupo empresarial, o *Diário da Manhã* e o *Diário da Tarde*, a mesma abordagem para o gênero feminino. Enquanto adulta, a mulher é um objeto, quando não, alvo de sofrimento familiar. O sofrimento era regra. Ser menina ou mulher representava enfrentar desafios e trazer uma carga que não era destinada aos homens e meninos.

Essa literatura normativa, cuja expressão é resultado da produção de jornalista e escritores, é um reflexo de como a elite letrada do período identificava as relações de gênero. Os suplementos literários quase sempre estavam ligados ao que chamamos hoje de *jornalismo de entretenimento*. Os contos e os artigos, que relatavam o sofrimento das mulheres, por vezes, de forma poética, poderiam servir como ilustração da realidade de alguns lares recifenses. Já o suplemento infantil, que apesar de não ter sido apresentado

como material educativo pelo jornal trazia consigo a responsabilidade de educar novos cidadãos e, em especial, novos leitores e escritores.

A intenção deste artigo foi contribuir com as pesquisas em curso sobre a representação da mulher em jornais e seus suplementos na década de 1920 na imprensa pernambucana e, de modo mais particular, recifense. Nossa intenção também foi fazer um resgate histórico dos suplementos literários e infantis, que muitas vezes são citados como referência na formação do que chamamos atualmente de cadernos de cultura na imprensa escrita brasileira. O debate acerca das mulheres e meninas na imprensa não foi fechado. Nosso objetivo é refletir como essas categorias são apresentadas nos jornais e revistas dos dias de hoje. O que será que verdadeiramente mudou?

REFERÊNCIAS

- A ENGEITADA. **Diário da Tarde**, Recife, 7 de novembro de 1929. Diário das Crenças.
- BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.
- BARRETO, Lima. Livia. **Diário da Manhã**, Recife, 15 de maio de 1927, Literatura e Arte.
- BESSE, Susan K.. *Modernizando a Desigualdade: Reestruturação da Ideologia de Gênero no Brasil, 1914-1940*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.
- BITTONI, Dulcília Helena Schroeder. *Mulher de papel: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira*. São Paulo: Summus, 2009.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2006.
- CHARTIER, Roger. *À beira da falésia - a história entre certezas e inquietude*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRS), 2002.
- O CARNEIRINHO BRANCO. **Diário da Tarde**, Recife, 12 de setembro de 1929. Diário das Crenças.
- MELO, José Marques de. *Teoria do jornalismo – identidades brasileiras*. São Paulo: Paulus, 2006.
- NASCIMENTO, Alcileide Cabral do. *Por uma igualdade emancipadora da mulher: Edwiges Sá e Martha de Hollanda, feministas em luta pela cidadania política em Pernambuco dos anos 30*. XV Encontro Regional de História da ANPUH-Rio. Rio de Janeiro, 2012.
- NASCIMENTO, Luiz do. *História da imprensa de Pernambuco* (v. I). Recife, PE: Imprensa Universitária, 1968.
- _____. *História da imprensa de Pernambuco* (v. III). Recife, PE: Imprensa Universitária, 1967.
- RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- RESENDE, Antônio Paulo. *Desencantos modernos: histórias da cidade do Recife na década de XX*. Recife: FUNDARPE, 1997.
- SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria de análise histórica*. Educação e Realidade. Porto Alegre, v. 20, n.2, jul-dez, 1995.
- SOARES, Fernanda Bunheroto. *Suplementos infantis: os precursores da imprensa adulta*. Londrina: Ed. UEL, 1999.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.
- SIQUEIRA, Elizabeth Santos (Org.). *Um discurso feminino possível: pioneiras da Imprensa em Pernambuco (1830-1910)*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1995.
- VELY, Adrien. Mil e uma manhãs: uma entrevista. **Diário da Manhã**, 16 de abril de 1927, Literatura e Arte.
- VILA, Vargas. Uma página. **Diário da Manhã**, Recife, 26 de junho de 1927, Literatura e Arte.